

ARTIGO - 4. AS PERSPECTIVAS DA CONSERVAÇÃO DESDE O SUL  
GLOBAL: PATRIMÔNIO PARA TODOS: DEMOCRACIA E JUSTIÇA SOCIAL /  
REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO: NARRATIVAS PLURAIS E MEMÓRIAS  
SILENCIADAS / NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS NA GESTÃO,  
VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

**PATRIMÔNIO ALÉM DO MÁRMORE: LÍNGUAS MARGINAIS E A  
REINVENÇÃO DO COMUM**

*João Pedro Otoni (otoni.joaop@gmail.com)*

*Sônia Regina Rampim Florêncio (sonia.r.florencio@gmail.com)*

*Leonardo Barci Castriota (leocastriota@yahoo.com.br)*

O patrimônio cultural queer, ainda marginal nas instâncias oficiais de consagração, constitui um campo de investigação que evidencia tanto a exclusão de narrativas dissidentes quanto o potencial de reconfiguração crítica do conceito de patrimônio. Ao transcender fronteiras nacionais, esse patrimônio manifesta-se de forma transnacional, articulando práticas sociais, linguísticas e políticas que, em sua pluralidade, questionam a centralidade do Discurso Autorizado do Patrimônio (Smith, 2006). Mais do que bens materiais ou monumentos, trata-se de processos culturais dinâmicos, capazes de articular reconhecimento, pertencimento e mobilização social em contextos de invisibilidade e violência. Nesse sentido, as chamadas lavender languages oferecem uma entrada privilegiada para compreender o patrimônio queer enquanto prática transnacional de herança intangível. O Polari, no Reino Unido, o Pajubá, no Brasil, o Lubunca, na Turquia, o Swardspeak, nas Filipinas, e o isiNgqumo, na África do Sul, exemplificam como comunidades queer em

diferentes regiões elaboraram sistemas linguísticos próprios como estratégias de proteção, identificação e sociabilidade. Essas expressões, longe de serem meros registros lexicais, constituem patrimônios linguísticos que se inscrevem em redes globais de resistência, revelando como grupos historicamente subalternizados produzem e transmitem suas próprias formas de herança cultural. A análise evidencia ainda como práticas patrimoniais queer podem ser compreendidas a partir da noção de queering heritage (Lixinski, 2024), isto é, da mobilização de perspectivas da teoria queer para deslocar os modos tradicionais de conceber e legitimar o patrimônio. Tal abordagem permite não apenas reconhecer o caráter político dessas práticas, mas também propor o patrimônio como recurso de transformação social, a partir do qual grupos marginalizados afirmam-se como protagonistas na criação de valores culturais. Ao problematizar a tendência de enquadrar patrimônios dentro de categorias hegemônicas e eurocentradas, o trabalho destaca que a patrimonialização queer não se restringe a processos de conservação do passado, mas opera como dispositivo de reinvenção, mobilização e projeção de futuros inclusivos. Assim, compreender o patrimônio queer implica deslocar o foco das categorias convencionais de preservação para práticas de mobilização social que desafiam narrativas hegemônicas e projetam futuros inclusivos. O estudo das lavender languages, e em especial do Pajubá, evidencia como o patrimônio queer desafia os limites institucionais do reconhecimento, reposicionando o patrimônio como prática viva e orientada ao presente, que reivindica a pluralidade das experiências humanas como parte legítima da herança cultural comum.

Palavras-chave: patrimônio cultural queer; pajuba; patrimonio lgbtq+; patrimônio transnacional.